

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA  
Universidade Estadual de Maringá  
28 a 30 de Novembro de 2012

**PENSAR SOBRE ÉTICA: POR QUÊ? PARA QUÊ?**

Marlene Aparecida Wischral Simionato (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá).

contato: [simionato@wnet.com.br](mailto:simionato@wnet.com.br)

Boa noite a todos! Começo minha fala agradecendo o convite da equipe organizadora para participar deste “II Seminário de Prática de Pesquisa em Psicologia”, ainda mais na condição de uma fala para a abertura do evento.

Confesso a vocês que, quando recebi o convite, fiquei surpresa e receosa; afinal, convites desta natureza não são tão comuns na minha vida, e, quando chegam, são sempre muito especiais. Aceitei-o enquanto um duplo desafio: primeiro, porque colocaria em xeque minha responsabilidade acadêmica em abordar um tema tão pertinente, necessário para a formação em Psicologia; e, segundo, porque representaria falar sobre algo que pessoalmente me inquieta, em que realmente acredito.

Bem, uma vez aceito o convite, minha preocupação ficou voltada para o quê exatamente eu poderia e deveria falar aqui. Ao tentar organizar minhas ideias, fui percebendo que cabiam muitas possibilidades num evento sobre a prática de pesquisa em psicologia. Mas gradativamente, uma questão foi ocupando um lugar de destaque nas minhas indagações sobre o tema: a da importância da contínua reflexão sobre a ética no processo de formação pessoal e acadêmica.

E aqui estou hoje, diante de vocês, tentando dar conta de uma tarefa que assumi quando aceitei o convite que me chegou por meio da professora Aline Santti: a de refletir um pouco (em voz alta e em público!) no por quê e no para quê pensar sobre ética.

Mas o que é Ética, afinal? Quem aqui já não perguntou a alguém o que ele entende por ética; quem já não terá perguntado a si mesmo o que é ética. A todo o momento, nos dias de hoje, ouvimos alguém falando de ética: nos jornais, televisão, em muitos lugares da vida, desde as situações mais formais até as mais descontraídas...

O fato é que a ética é uma daquelas coisas que todo mundo sabe o que é, mas que não é fácil de explicar quando alguém pergunta.

## II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

Universidade Estadual de Maringá  
28 a 30 de Novembro de 2012

Então vejamos: na literatura, a ética é tida como um estudo ou uma reflexão científica, filosófica ou religiosa sobre os costumes ou ações dos homens. Nesse raciocínio, a ética é teoria, investigação ou explicação de um tipo de experiência humana, ou forma de comportamento dos homens, o da experiência moral.

E dizem os estudiosos (SILVA, 2001, 2002; VÁZQUEZ, 2002) que o valor da ética como teoria está justamente naquilo que explica e não no fato de prescrever ou recomendar alguma coisa concreta.

Como teoria da moral dos homens, cabe à ética explicar aquilo que foi ou é, e não simplesmente descrever. Cabe à ética, então, olhar o fato e, olhando-o, tomar a própria moral da humanidade em seu conjunto como objeto de sua reflexão.

Assim compreendida, podemos dizer que a ética se ocupa com as formas humanas de lidar e resolver seus dilemas, nas contradições entre necessidade e possibilidade, entre tempo e eternidade, entre o individual e o social, entre o econômico e o moral, entre o corporal e o psíquico, entre o natural e o cultural, entre a inteligência e a vontade.

A ética é, portanto, ciência da moral. Mas ela não cria a moral. Depara-se com ela, que se apresenta na forma de uma experiência histórico-social, de uma série de práticas morais já em vigor e, partindo delas, procura determinar a sua essência, suas origens; as condições objetivas e subjetivas de aparição dos atos morais; as fontes que sustentam a avaliação moral; a natureza e função dos juízos morais; os critérios de justificação destes juízos e os princípios que regem a mudança e a sucessão dos diferentes sistemas morais.

Embora estejam assim tão próximas, tão ligadas uma à outra, a ética não é a moral, e não pode, portanto, ser reduzida a um conjunto de normas e prescrições; sua missão é explicar a moral. E o seu objeto de estudo são os atos conscientes e voluntários dos indivíduos que afetam outros indivíduos, determinados grupos sociais ou mesmo a sociedade em seu conjunto.

Razão porque, falar de ética significa falar também de liberdade, justiça, responsabilidade, termos estes que nos situam no território especificamente humano: o das relações. Terreno no qual se funda e se torna possível o comportamento moral. Porque o homem só o é na perspectiva de uma relação com o OUTRO. É neste universo, o das relações, que o humano é aprendido e conquistado pelo homem, sobre o que há nele de pura natureza. Daí podermos compreender que o comportamento moral pertence somente ao homem na

## II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

Universidade Estadual de Maringá  
28 a 30 de Novembro de 2012

medida em que, sobre sua natureza (biológica), cria uma segunda natureza (social), da qual faz parte a sua atividade moral.

Ocorre que, frequentemente, não notamos a origem cultural dos valores, do senso moral e da consciência moral, não pensamos sobre exatamente porque somos educados para compreendê-los como naturais, existentes em si e por si mesmos. Para garantir a manutenção dos padrões morais ao longo do tempo, e a sua continuidade de geração em geração, as sociedades insistem em naturalizá-los.

E a naturalização da existência moral esconde aquilo que de mais importante há na ética: o fato de ela ser uma construção histórico-social.

O que quer que sejamos: livres, justos, responsáveis, só o somos na relação com o OUTRO. É esse outro quem decide, inclusive, se somos éticos ou não; ele dá o veredicto.

Vejam que estou chamando de ética a própria vida, naquilo que sinto e sei da vida, e que o parâmetro é o estar de acordo com os costumes que consideramos corretos e com os valores em que acreditamos. E aqui cabe dizer que, embora o conteúdo dos valores varie, é possível notar que eles se inscrevem em um valor mais profundo, mesmo que apenas subentendido: o bom ou o bem.

Por certo, todos temos nossas convicções éticas, as nossas certezas morais, as quais estão fundadas tanto nos ditames do coração, quanto nos testemunhos da consciência, mas, sempre, fundadas em algum pressuposto filosófico e valorativo, embora nem sempre tenhamos clareza de quais são esses pressupostos.

Nossos sentimentos e nossas ações, nascidos da opção entre o bom e o mau ou entre o bem e o mal, também estão referidos a algo mais profundo e subentendido: nosso desejo de afastar a dor e o sofrimento e de alcançar aquilo que definimos como felicidade. Vale ressaltar, então, que o senso moral e consciência moral nascem e existem como parte da nossa vida intersubjetiva e, como se pode observar, são inseparáveis da vida cultural, uma vez que é ela que define para os seus membros os valores positivos e negativos que estes devem respeitar ou rejeitar.

E vejamos, só por essa breve introdução no pensar sobre o que é ética e sobre os seus fundamentos, podemos perceber quão complexa é esta questão na variedade de conflitos e contradições que comporta, na diversidade de lutas e investimento humano que implica, no contínuo embate entre diferentes interesses, motivos, valores, preconceitos.

## II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

Universidade Estadual de Maringá  
28 a 30 de Novembro de 2012

Entre os inúmeros autores que se ocupam do estudo da ética, vários (CHAUÍ, 2002; COSTA, 2000; STREY, 1998; SILVA, 2001 e 2002; VÁZQUEZ, 2002; SOARES, 2011) apontam que a sociedade contemporânea vive uma crise sem precedentes. Dizem os estudiosos, que uma crise da razão, em que os princípios morais de nossa cultura perderam a força para direcionar e sustentar nossas ações práticas. Processo complexo esta crise, que acaba por delinear consequências várias, dentre elas a de estarmos todos imersos numa espécie de isolamento coletivo em que, naturalizando as cenas da vida, esvaziamos de significação e sentido nossa existência concreta.

Por outro lado, assinalam também os autores que, neste cenário empobrecido, há algo a ser destacado: a importância que tem a educação na possibilidade de superação dessa condição saturada, anestesiada e pobre da consciência humana, consciência esta que quase já não sabe o que é o estranhamento, o encantamento, a admiração, o espanto, a surpresa, a indignação.

Mais ainda, preocupados com a reversão deste cenário, os autores atribuem uma grande responsabilidade à Universidade, de onde se supõe possa irradiar influência para outros campos de ensino, pois é nela que são formados os professores que irão se ocupar com a formação dos outros.

Mesmo que, a exemplo de outras instituições e instâncias sociais, a universidade esteja impregnada pela racionalidade instrumental e pela imparcialidade abstrata do fazer científico, que reduzem nos indivíduos a capacidade de julgar, avaliar, agir autonomamente e de refletir sobre a ordem dos fins, a educação universitária conserva ainda a possibilidade da resistência, da transformação, da descoberta, da fantasia, pelo simples fato – se isso fosse simples – de ser um dos locais onde se aprende e ensina saberes sobre a sociedade e sobre a existência humana concreta.

Afirmam os estudiosos que encontramos-nos frente à necessidade de mudanças não somente dos antigos paradigmas técnico-científicos, como também dos compromissos e responsabilidades sociais, o que não significa, necessariamente, a dissolução dos valores já existentes, mas a sua transformação. Precisamos, dizem eles, avançar de uma ciência eticamente livre para outra eticamente responsável; de uma tecnocracia que domina e escraviza o homem para uma tecnologia que esteja a serviço da humanidade e do próprio homem; de uma democracia burocrático-formal a uma democracia real, que concilie liberdade e justiça.

## II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

Universidade Estadual de Maringá  
28 a 30 de Novembro de 2012

Tais transformações, no entanto, não são de fácil execução; pois as consequências da aliança entre ciência, técnica e economia em um contexto de neoliberalismo político e econômico trouxeram progresso, riqueza e liberdade somente para uma minoria privilegiada de pessoas, gerando miséria e sofrimento para a grande maioria da população.

É desse panorama sombrio que emerge a preocupação ética de que as frágeis morais dependentes da racionalidade instrumental se mostram incapazes para fazer frente aos desafios, para fundamentar as bases de uma nova ética, da responsabilidade e da solidariedade.

Mas de algum ponto há que se re-começar!

Só por isso, como se isto já não fosse o bastante importante, é que trago aqui nesta minha fala, como aspecto de destaque, a crença de que a educação universitária é um desses pontos, já que também se ocupa da formação acadêmica dos jovens, e pode despertar nas pessoas a solidariedade, a compaixão, o reencantamento, e a capacidade de se identificar com os outros OUTROS de suas vidas.

E é neste aspecto que creio que nós, não só, mas especialmente a Psicologia, vivemos num universo privilegiado, propício à produção da ética pela experiência humana. Acredito mesmo que eu, vocês, cada um de nós (enquanto ser dialógico e relacional, que se constitui nas relações que estabelece com os outros seres humanos), guardamos todos no “si mesmos” a dimensão ética da vida humana, ao nos debruçarmos sobre a subjetividade do homem. Nosso olhar e nossa compreensão acerca do nosso objeto de estudo podem contemplar o exercício de uma prática pedagógica libertadora, e também reconhecimento da alteridade – o tornar-se capaz de apreender o OUTRO na sua singularidade, na maior plenitude de sua dignidade, de seus direitos e, sobretudo, de sua diferença.

Daí, acredito, a importância e a necessidade de valorizarmos os processos intersubjetivos presentes na formação universitária dos estudantes de graduação, em especial do estudante de Psicologia, nas trocas cotidianas da experiência de sala de aula, na relação professor-aluno, na dialogicidade dessa relação como produtora de ética (aqui entendida enquanto meio e propósito da experiência compartilhada de aprender, que pode propiciar a transformação de nossa passividade rumo à construção de sujeitos com senso crítico, reflexivos diante da realidade).

Sei que não trago nada de novo ou a mais do que aquilo que cada um de vocês já sabe, sente, aspira ou experiencia na vida cotidiana.

## II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

Universidade Estadual de Maringá  
28 a 30 de Novembro de 2012

O que trago é o que nesta oportunidade explicito e defendo: a valorização da dimensão dialógica do encontro de cada aluno com seus colegas e com o professor, pois acredito que neste encontro é que se cria a brecha para a produção ética, fecundando o desejo de conhecer, de disponibilizar-se para o OUTRO e não só de obter e manter informações instrumentalizadoras para uma atuação profissional mais eficaz.

Encontro de pessoas num espaço que é fértil ao conhecimento e à transformação (assim é a universidade), em que aluno e professor se acessam pela linguagem (e aqui cabe um parêntesis, pois com relação à linguagem, já caberia uma reflexão bem detalhada, face o papel e o lugar que ela ocupa na vida do humano, na constituição do seu psiquismo e na expressão de sua consciência. Razão porque ela sempre me intriga, enreda e fascina, enquanto é uma síntese, é o meio através do qual posso tocar, alcançar a humanidade do OUTRO...).

Somos, pois, profissionais da fala. Da mesma forma que da escuta, da atenção às manifestações da singularidade de cada um. Por isso, acredito que precisamos- podemos zelar por uma fala que se articule a uma escuta (diferenciada certamente daquilo que se propõe fazer o psicólogo na psicoterapia...).

Pois então, já finalizando minha fala, quero dizer que acredito que nossas ações são sempre capazes de repercutir no processo formativo do OUTRO de uma maneira impactante, especial e única. Pena que, quase sempre sem nos darmos conta da grandeza que comporta esta oportunidade: de proporcionar ao “outro” e a nós próprios a “amplitude de experiência” de que nos fala Horkheimer (SILVA, 2001).

Para encerrar, quero dizer que acredito também que somos todos capazes de revalorizar e estimular a sensibilidade dos nossos sentidos, através de um cultivo cotidiano cuidadoso de atitudes que favoreçam uma maior disponibilização ao OUTRO e, acima de tudo, a nós mesmos. Isto pode nos ajudar a romper com a frieza e a apatia dos nossos espíritos, e com a rígida racionalidade em que confinamos a nossa consciência.

Pronto. Eis como me sinto ao final desta comunicação: honrada, grata, justa; nos meus limites, inteira! Torço para que eu conserve este estado cá dentro, por tudo que ele significou para mim, e para que fique também em vocês o melhor do que eu tentei trazer com minha fala.

Ótimo evento a todos!

E muito obrigada pela atenção!

II SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA  
Universidade Estadual de Maringá  
28 a 30 de Novembro de 2012

**Referências**

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2002.

COSTA, J. F. **A ética é o espelho da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

HORKHEIMER, M. **Lo político y lo social**. Barcelona: Península, 1976.

SILVA, D. J. da. **Ética e educação para a sensibilidade em Max Horkheimer**. Ijuí: Ed.UNIJUÍ, 2001. Coleção fronteiras da educação.

\_\_\_\_\_; SANTOS, G. A. **Estudos sobre ética**: a construção de valores na sociedade e na educação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

SOARES, L. L. M. Ética e dialogicidade na formação do psicólogo. In: **Psicologia Ensino e Formação**. ABEP. Vol 2, n. 1. Brasília:ABEP, 2011, (77-93).

STREY, M.N. (Org.) **Psicologia social contemporânea**: livro texto. Petrópolis: Vozes, 1998.

VÁZQUEZ, G. S. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.